

**LEVANTAMENTO DA CADEIA PRODUTIVA DE OLEAGINOSAS NO CENTRO OESTE  
PAULISTA**

**Aparecida Marques de Almeida**

Eng. Agr., Dr., PqC do Polo Regional Centro Oeste/APTA

[almeida@apta.sp.gov.br](mailto:almeida@apta.sp.gov.br)

**Rosemary Marques de Almeida Bertani,**

Eng. Agr., Dr., PqC do Polo Regional Centro Oeste/APTA

[rosemary.bertani@apta.sp.gov.br](mailto:rosemary.bertani@apta.sp.gov.br)

**Ivan Herman Fischer,**

Eng. Agr., Dr., PqC do Polo Regional Centro Oeste/APTA

[ihfische@apta.sp.gov.br](mailto:ihfische@apta.sp.gov.br)

**Maria José De Marchi Garcia**

Eng. Agr., Dr., PqC do Polo Regional Centro Oeste/APTA

[mjdemarchi@apta.sp.gov.br](mailto:mjdemarchi@apta.sp.gov.br)

**José Geraldo Carvalho do Amaral**

Eng. Agr., Dr., Assistente Agropecuário do DSMM/CATI

[geraldo@cati.sp.gov.br](mailto:geraldo@cati.sp.gov.br)

**Fernanda de Paiva Badiz Furlaneto**

Med. Vet., Ms., PqC do Polo Regional Centro Oeste/APTA

[fernandafurlaneto@apta.sp.gov.br](mailto:fernandafurlaneto@apta.sp.gov.br)

**Anelisa de Aquino Vidal**

Eng. Agr., Dr., PqC do Polo Regional Centro Oeste/APTA

[vidal@apta.sp.gov.br](mailto:vidal@apta.sp.gov.br)

A introdução de biocombustíveis na matriz energética brasileira tem sido incentivada, principalmente, pela ação governamental (Lei 11.097/2005) que prevê um desenvolvimento econômico e social para o país, bem como a possibilidade de reduzir a dependência externa do diesel (MOURAD, 2006).

PADULA et al. (2005) relataram que existem diversas fontes potenciais de oleaginosas no Brasil para a produção de biodiesel dada à ampla diversidade do ecossistema. A matéria-prima utilizada para a fabricação do biodiesel pode ser de qualquer óleo vegetal, como os derivados da soja, mamona, girassol, pinhão-mansão, palma (dendê), milho, babaçu e amendoim. Essas oleaginosas possuem um potencial de produção de óleo que pode variar entre 150 L . ha<sup>-1</sup> (milho) até 5.900 L . ha<sup>-1</sup> (dendê).

Porém, MENDES (2005) ressalta que apesar do marco institucional ser favorável ao desenvolvimento do mercado de biodiesel no país, a competitividade da produção pode encontrar como obstáculo os elevados custos do sistema produtivo, tendo em vista que as práticas e tecnologias de manejo de algumas oleaginosas são ainda pouco desenvolvidas. Assim, cada estado e região deve avaliar a especificidade produtiva local para fortalecimento do agronegócio regional. (CÂMARA & HEIFFIG, 2006).

Destaca-se que estudos desenvolvidos pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Ministério da Integração Nacional e Ministério das Cidades mostraram que, a cada 1% de participação da agricultura familiar no mercado de biodiesel do país, baseado no uso do B5, seria possível gerar cerca de 45 mil empregos no campo, a um custo médio de R\$ 4.900,00 por emprego (HOLANDA, 2004).

Na região Centro Oeste do Estado de São Paulo, a cultura da cana-de-açúcar responde por 39% do valor total da produção regional, o que representa uma importante geração e concentração de riquezas localmente (TSUNECHIRO et al., 2009). No entanto, 70% das áreas, ocupadas por pastagens, apresentam-se degradadas, com problemas de erosões e fertilidade. Observou-se, também, nos últimos anos redução de renda dos pequenos e médios agricultores devido, principalmente, a falta de integração dos setores produtivos e baixo nível de diversificação da agricultura.

Nessa mesma região, no ano de 2009, realizou-se um estudo em quatro municípios situados na área de abrangência da Agência Paulista de Desenvolvimento Tecnológico do Agronegócio do Centro Oeste Paulista (APTA/SAA) visando direcionar estudos, ofertas de tecnologias e políticas públicas sustentáveis localmente para aproveitamento das

potencialidades regionais. Foram feitos 114 cadastros, sendo 74 produtores, 22 estudantes, 12 empresas, 04 docentes e 02 técnicos de nível superior. Os produtores entrevistados solicitaram capacitação técnica nas culturas do pinhão-manso (32 produtores), girassol (20 produtores), mamona (16 produtores), amendoim (04 produtores), soja (01 produtor) e nabo forrageiro (01 produtor).

Dentre os produtores cadastrados 56% possuem formação superior completa, 20% segundo grau completo, 6% primeiro grau completo, 4% superior incompleto, 4% primeiro grau incompleto, 4% supletivo de primeiro grau, 4% técnicos agrícolas e 2% segundo grau médio incompleto. Essas informações refletem a busca por novas formas de agregação de produção dentro da propriedade, principalmente, entre produtores com maior acesso as informações de tendências futuras de mercado e planos de incentivos governamentais.

Verificou-se que 05 produtores cadastrados já cultivam oleaginosas, tais como amendoim, girassol e mamona. Todos pretendem ampliar o cultivo existente e iniciar o plantio do pinhão-manso. Os demais agricultores solicitaram disponibilização de conhecimentos referentes à implantação da cultura, controle de pragas e doenças, nutrição e adubação, colheita e pós-colheita e comercialização, respectivamente. Os empreendedores que não cultivam oleaginosas exploram, principalmente, hortaliças, pimentão e maracujá.

Destaca-se que 55 produtores possuem área disponível para plantio e disponibilidade de água. Porém, apenas 7% dos empreendedores têm maquinários e/ou implementos agrícolas necessários para sistema de produção de plantas oleaginosas. A precariedade de equipamentos específicos para a exploração de oleaginosas, também, foi observado em amostras de produtores familiares do nordeste (QUEIROGA & SANTOS, 2008).

Atualmente, a produção de oleaginosas é desenvolvida por produtores de pequeno e médio porte com uso baixa tecnologia. As sementes são de origem desconhecida. Não se utilizam práticas de conservação do solo ou nutrição de plantas. Existe dificuldade de acesso à profissionais especializados e são restritos os canais de comercialização. Esses dados são semelhantes aos encontrados em sistema de produção da mamona no Rio Grande do Sul (MADAIL et al., 2007) e em muitos estados brasileiros, principalmente no Nordeste e no Norte de Minas Gerais (AZEVEDO & LIMA, 2001).

Conclui-se com a pesquisa que há necessidade de consolidação de um sistema gerencial de articulação dos diversos órgãos setoriais envolvidos na cadeia produtiva do biodiesel

para que seja garantida a agregação de valor permitindo assim a convergência de esforços e otimização de investimentos públicos.

## Referências

- AZEVEDO, D.M.P.; LIMA, E.F. **O Agronegócio da mamona no Brasil**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2001. 350 p.
- CÂMARA, G. M.S.; HEIFFIG, L.S. **Agronegócio de plantas oleaginosas: matérias-primas para biodiesel**. Piracicaba: EALQ/USP, 2006. 256p.
- MADAIL, J.C.M.; BELARMINO, L.C.; NEUTZLING, D.M. **Sistema de Produção da Mamona**. Pelotas, RS: Embrapa Clima Temperado, 2007. 11p. (Sistemas de Produção, 11).
- MENDES, R.A. **Diagnóstico, análise de governança e proposição de gestão para a cadeia produtiva do biodiesel da mamona**. 159p. (Dissertação de Mestrado em Engenharia de Transportes) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- MOURAD, A.L. Principais culturas para obtenção de óleos vegetais combustíveis no Brasil. In: ENCONTRO DE ENERGIA NO MEIO RURAL, 6., 2006, **Anais...** Campinas: UNIFEI. 1 CD-ROM.
- HOLANDA, A.. **Biodiesel e inclusão social**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2004. 200 p. (Série Cadernos de Estudos, 1).
- PADULA, A.D. ; PLÁ, J.J.V.A.; RATHMANN, R.; SANTOS, O.I.B. Estudo analítico interdisciplinar de viabilidade da cadeia produtiva do biodiesel no Brasil; In: CONGRESSO BRASILEIRA DE PLANTAS OLEAGINOSAS, OLEOS, GORDURAS E BIODIESEL, 2., 2005, **Anais...** Varginha: UFLA, p.1-13.
- QUEIROGA, V.P., SANTOS, R.F. Levantamento dos principais problemas da produção de mamona em uma amostra de produtores familiares do nordeste. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MAMONA, 3.. 2008. **Anais...** Salvador: Embrapa/Seagril. 1 CD-ROM.
- TSUNECHIRO, A.; COELHO, P.J.; CASER, D.V.; BUENO, C.R.F.; PINATTI, E.; CASTANHO FILHO, E.P. Valor da produção agropecuária e florestal do Estado de São Paulo em 2009: estimativa preliminar. **Informações Econômicas**, SP, v.39, n.10, p.83-95. 2009.